



**HAL**  
open science

## Da catedral ao mosteiro: carreira eclesiástica e estratégia familiar na Provença do século XI

Eliana Magnani

► **To cite this version:**

Eliana Magnani. Da catedral ao mosteiro: carreira eclesiástica e estratégia familiar na Provença do século XI. *Signum*, 1999, 1, pp.31-44. halshs-01851715

**HAL Id: halshs-01851715**

**<https://shs.hal.science/halshs-01851715>**

Submitted on 30 Jul 2018

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Eliana MAGNANI, «Da catedral ao mosteiro: carreira eclesiástica e estratégia familiar na Provença do século XI», *Signum*, 1, 1999, p. 31-44 (ISSN 2177-7363)

**DA CATEDRAL AO MOSTEIRO: CARREIRA ECLESIASTICA E ESTRATEGIA FAMILIAR NA PROVENÇA DO SECULO XI\*.**

Resumo:

Embora a alta aristocracia provençal mantenha elos estreitos com as comunidades monásticas que ela funda ou restaura, seus filhos destinados à vida eclesiástica, até meados do século XI, não são enviados aos mosteiros mas aos capítulos catedrais de onde eles devem sair para ocupar uma sé episcopal. Durante a Reforma Gregoriana, com a contestação da dominação dos bispados pelas grandes famílias e a importância crescente dos mosteiros na difusão da política teocrática do papado, esta tendência se transforma. Em um contexto de reestruturação do poder, a opção pela conversão de adultos ao invés da oblação de crianças se manifesta como uma estratégia de controle de linhagem.

**From cathedral to monastery: ecclesiastical career and family strategy in the eleventh century Provence.**

Abstract:

Until the middle of the eleventh century, in spite of the tight ties between the monastic communities and the high aristocracy of Provence that founded or restored these communities, the sons of the nobility intended for the ecclesiastical life do not enter in the monasteries but in the cathedral chapters from where they will become bishops. This trend changes during the Gregorian Reform, due to the contest against the dioceses domination by the noble families and the monasteries increasing importance in the theocratic policy of the papacy. In this unset of power reorganization, choosing adults conversion instead of child oblation is a lineage strategy.

---

\* Abreviações utilizadas nas notas:

**CISV** = AMARGIER, P. A., *Chartes inédites (XI<sup>e</sup> siècle) du fonds Saint-Victor de Marseille*. Edition précédée d'une Etude historique. Thèse 3<sup>e</sup> cycle dactylographiée, Aix-en-Provence, 1967.

**CL** = MORIS, H., BLANC, E., *Cartulaire de l'abbaye de Lérins*, Paris, 1883.

**CPA** = MANTEYER, G. de, *Les chartes du pays d'Avignon (439-1040)*, Mâcon, 1914.

**CSP** = CAIS DE PIERLAS, E., *Chartrier de l'abbaye de Saint-Pons-hors-les-murs de Nice*, Monaco, 1903.

**CSV** = GUERARD, B., *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Victor de Marseille*, Paris, 1857, 2 vol. (*Collection des Cartulaires de France*, t. VIII).

**DU ROURE** = DU ROURE, Baron, *Histoire de Montmajour*, segundo DomCHANTELOU, in *Revue Historique de Provence*, Aix, 1890-1891.

**GCN** = ALBANES, J. H., CHEVALIER, U., *Gallia Christiana Novissima. Histoire des archevêchés, évêchés, et abbayes de France*, Montbéliard, Valence, 1899, 7 vol.

**LDP** = POLY, J.-P., «Lignées et domaines en Provence» in *La Provence et la société féodale (879-1166)*, Université de Paris II (tese datilografada), 1972.

**LEP** = POLY, J.-P., «Listes épiscopales de Provence» in *La Provence et la société féodale (879-1166)*, Université de Paris II (tese datilografada), 1972.

O controle dos altos cargos eclesiásticos, prerrogativa tradicional da realeza carolíngia, torna-se, com a dissolução das instituições imperiais, um apanágio da aristocracia feudal. É assim que na Provença do ano mil, ao mesmo tempo em que constituem seus vastos senhorios em detrimento da autoridade condal, as grandes famílias estendem seu domínio sobre as sés episcopais. Um bispado, assimilado ao patrimônio familiar, representa uma parte importante do poder conquistado. Ele se traduz pela presença de um membro da parentela na direção da diocese<sup>1</sup>.

Além dos bispados, o poder senhorial manifesta-se junto aos mosteiros e priorados que as famílias fundam ou restauram em suas terras e que elas sustentam graças a numerosas doações<sup>2</sup>. A criação de um mosteiro é, junto com a construção de um castelo, um ato instituidor dos senhorios: o castelo é a expressão monumental do poder coercitivo, o mosteiro é a sua sacralização. Em uma sociedade que vive na perspectiva do Juízo Final, a Igreja em geral e o monasticismo em particular, fornecem o aparato ideológico que legitima e garante a reprodução do sistema de dominação. É em torno dos mosteiros, e do serviço litúrgico por eles dispensados, que as famílias, que passam a se organizar em linhagens, vão assentar sua identidade social e preservar sua memória patrimonial.

A reconstituição genealógica de cerca de quinze famílias aristocráticas provençais e o estudo prosopográfico de seus membros mostram que apesar do elo estreito que os une aos mosteiros, o controle destes, pelo menos até os anos 1060, não passa como nos bispados pela presença nas abadias dos filhos dos grandes senhores. Mas este quadro se transforma na medida em que os mosteiros adquirem peso político, ou seja, com a difusão da Reforma Gregoriana.

Este artigo procura descrever e explicar como a aristocracia provençal, para preservar seu espaço de poder diante dos avanços da teocracia pontifical, adapta suas estratégias de linhagem. Isto a partir de práticas concretas —oblação de crianças e conversão de adultos— que asseguram tradicionalmente a representatividade das famílias nobres dentro da instituição eclesiástica.

\*\*\*

Certas crianças são dadas às abadias como oblatos por suas famílias. Elas são criadas e educadas pelos religiosos e tornam-se, em geral, monges também. A consagração de uma criança ao serviço de Deus é uma prática antiga cujo arquétipo bíblico é o de Samuel que, ainda criança, é levado ao templo de Silo e oferecido a Deus por sua mãe Hanna [1 S 1, 19-20]. A oblação, durante a Alta Idade Média é, segundo Mayke de Jong, uma forma de doação<sup>3</sup>. Do mesmo modo que os bens materiais oferecidos aos mosteiros, trata-se de restituir a Deus o que foi dado por Ele. É um

<sup>1</sup>POLY, J.-P., *La Provence et la société féodale 879-1166. Contribution à l'étude des structures dites féodales dans le Midi*, Paris, 1976, p. 250-257.

<sup>2</sup>Entre vários outros exemplos podemos citar a restauração da abadia de São Vítor de Marselha pelos viscondes da cidade (977) e de São Pôncio de Nice pela família de Nice (999), a fundação de Santo André de Villeneuve pelos viscondes de Avinhão (984), de Correns pelos Châteaurenard (1002), de Santo Eusébio de Saignon pela família de Castellane (1004) Cf. MAGNANI SOARES CHRISTEN, E., *Monastères et aristocratie en Provence - milieu Xe-début XII<sup>e</sup> siècles*, Münster, 1998.

<sup>3</sup>JONG, M. de, *In Samuel's image : child oblation in the early medieval West*, Leiden-New York-Köln, 1996, p. 267.

sacrifício incondicional assimilado pela teologia carolíngia a um «holocausto pelo Senhor»: em devido tempo o oblato, através de uma vida de obediência, transforma a doação parental em dom de si próprio.

Por outro lado, consagrar um filho ao serviço divino é uma maneira concreta de estabelecer vínculos estreitos com um mosteiro onde a família terá seu próprio representante. Embora a criança seja afastada do mundo não se trata de um abandono: o oblato continua a ser reconhecido por seus pais como parte de sua descendência. Membro ao mesmo tempo de uma família leiga e de uma comunidade espiritual, ele funciona como mediador entre esses dois universos. A oblação de crianças pode desta forma revelar alternativas sociais e ser uma solução possível para famílias prolíficas, com dificuldade em criar no século numerosos herdeiros.

Os oblatos encontrados nos documentos monásticos provençais, embora sejam poucos, permitem de entrever como a oblação é praticada na região. Um ato do mosteiro de Santo André de Villeneuve, perto de Avinhão, que relata a origem e a resolução de um conflito, fornece algumas indicações.

Em 1006, os monges de Santo André recebem de Rostam de Sabran a *villa* Lirac, cultivada por Salvador, que por sua vez obtem do abade Martins a metade da *villa*, exceto a renda da igreja local. Algum tempo depois, Salvador tem um filho que ele oferece aos monges para ser batizado e recebido mais tarde como monge. Nesta ocasião Salvador devolve a *villa* ao mosteiro, conservando-a em usufruto enquanto vivesse. No decorrer do ano Salvador morre e o abade procura recuperar sua parte de Lirac, que no entanto a viúva de Salvador pretende conservar para si e para seu filho. Através de um acordo os monges deixam para a viúva uma quarta parte de Lirac e lhe confiam o outro quarto enquanto ela cuidar de seu filho pequeno, ou seja pelo espaço de quatro anos a partir do dia de São Miguel (29 de setembro), após o que este outro quarto da *villa* Lirac retornará ao mosteiro ao mesmo tempo que a criança. Se neste meio tempo a criança morresse o bem deveria retornar ao mosteiro<sup>4</sup>.

Este documento coloca, entre outros, o problema da idade das crianças no momento da oblação. Aqui o menino é dado ao mosteiro logo no nascimento, mas ele irá habitá-lo somente quando completar quatro ou cinco anos. Este parece ter sido também o caso de Clemente, *nutritus litteras* do priorado de Santa Maria em Saint-Médard<sup>5</sup>. A prática era similar para as meninas<sup>6</sup>.

A doação de um oblato, como toda outra forma de conversão à vida monástica, era geralmente acompanhada de uma doação de bens, inclusive no século XII quando este costume foi por vezes considerado como simoníaco<sup>7</sup>. Na realidade esta doação, cuja importância varia de um caso a outro, parece ser a contrapartida do sustento da criança, retirado antecipadamente de sua herança. Em 1038 Pôncio e Boafilha doam a São Vítor de Marselha um oitavo de uma *villa*, em

<sup>4</sup>CPA 99 e 109 (Lirac, ca. Roquemaure, Gard).

<sup>5</sup>CSV 393 (Saint-Médard, co. Garéoult, Var).

<sup>6</sup>...*ego in Dei nomine Teudaldus et conjux mea Anselina... simulque datam nobis filiam obtuli illam Dei et sanctis eius in loco iam dicto nomine Bligarda, puellam parvulam... dedimus eique puelle in partem suam modiatam .I. vinee obtime et mansionem .I. tradimus ista omnia iam dicta abbatissa nomine Adaluiz, ceteraque sororum ad nutriendam infantulam...* (Biblioteca Municipal de Arles, ms. 881, n° 4 - mosteiro de São Cesário de Arles).

<sup>7</sup>LYNCH, J. H., *Simoniacal Entry into Religious Life from 1000 to 1260*, Columbus, Ohio, 1976, p. 17-18, 27-36, 49-50.

prol de suas almas e como herança de seu filho Ugo, que eles colocam no mosteiro. O mesmo acontece no final do século XI: na entrada de um de seus filhos em São Vítor, Isnardo e Belitruda oferecem um moinho, enquanto que Rixende e Raimundo dão o dízimo de tudo o que eles possuem em Saint-Nazaire de Mézouls<sup>8</sup>.

Nós só conhecemos um único exemplo de criança oriunda de uma grande família que foi dada a um mosteiro. São principalmente as famílias mais modestas de proprietários de alódios, ou então os ramos secundários das grandes famílias, que colocam seus filhos ainda criança nos mosteiros. Esta ausência de oblatos saídos das grandes famílias é ligada à preferência dada por estas às carreiras na igreja secular, e às conversões na idade adulta.

De fato, os capítulos catedrais acolhem um número maior de membros de grandes famílias que os mosteiros, pois é naquelas instituições que normalmente são recrutados os bispos. A alta aristocracia coloca seus filhos destinados à vida religiosa nos capítulos catedrais, na expectativa de poder promovê-los como titulares das sés episcopais e de se assegurar desta forma o controle dos bispados.

Assim, Riculfo, bispo de Frejus a partir de 975, apesar de ter sido *nutritus* do mosteiro de Montmajour, seguiu a carreira secular. Ele foi diácono da Igreja de Arles entre 954 e 972, antes de se tornar bispo. Neste cargo Riculfo substituiu seu tio Gontardo, que antes de ser bispo de Frejus, fora preposto de Arles<sup>9</sup>. O mesmo caso se produz com Clemente, filho do visconde Novelongo, que foi clérigo de Cavaillon (1008) durante o episcopado de seu tio, Inguilrano, antes de se tornar bispo (1034-1042)<sup>10</sup>, com Pôncio de Châteaurenard que foi clérigo (1033) antes de se tornar arcebispo de Aix (1048-1056)<sup>11</sup>, com Beltrão de Pontevès, clérigo (1034-1037) antes de obter a sé de Riez (1040-1066)<sup>12</sup> e com Alfanto de Agoult, clérigo (c. 1040) antes de ser bispo de Apt (1048-1076)<sup>13</sup>. O mesmo percurso na igreja secular deve ter precedido a elevação de Raimbaldo de Reillanne ao arcebispado de Arles (1030-1069). Preposto de Arles provavelmente desde 1014<sup>14</sup>, ele segue no entanto o arcebispo de Arles, Pôncio de Marignane, quando este se torna monge de São Vítor de Marselha<sup>15</sup>. Somente Pôncio, da família de Castellane, bispo de Glandèves (1043-1095) parece ter sido monge de São Vítor antes de ser promovido à sé episcopal<sup>16</sup>.

---

<sup>8</sup>CSV 295 (1038): *in hereditatem filii nostri Ugone, quem mittimus in monasterio*; CSV 1092 (1097): *filium nostrum Lambertum nomine, ut ibi sub regula beati Benedicti sub monastico habitu vivat, et cum eo damus in hereditatem unum molendinum*; CISO 75 (1079-1106): *in ereditate filii nostri quem monastica disciplina sancto Victori et domino abbati Ricardo tradimus inbuendum* (Mézouls, co. Maugio, Hérault). Cf. CSV 722 e P. GUILLAUME, editor de M. FOURNIER, *Notice historique et Documents inédits sur le prieuré de S. André de Gap*, Montbéliard, 1882, n° 8 (1079-83): *Petrus, cognomine Aicardus, donat domno Hugoni, abbati Cluniacensi, filium suum, Zachariam nomine, ut monastico subjectus ordini regulariter Domino deserviat, collatis quibusdam rebus suis monasterio Sancti Andreae. Leodegarius episcopus hoc donum laudavit.*

<sup>9</sup>LEP, p. 45-46.

<sup>10</sup>MANTEYER, G. de, *La Provence du premier au XII<sup>e</sup> siècle. Etudes d'histoire et de géographie politique*, Paris, 1908, p. 523; CSV 430; LEP, p. 19-21.

<sup>11</sup>LEP, p. 38-40.

<sup>12</sup>CSV 629 e 621; LEP, p. 51-52.

<sup>13</sup>DU ROURE p. 134; LEP, p. 42-44.

<sup>14</sup>GCN, Arles, n° 312 et c. 1042.

<sup>15</sup>...*multi quoque nobilium coelestis vitae amore succensi, praeclara saeculo suae conversionis exempla tradidere. Tunc etiam Pontius Arelatensis archiepiscopus, nec multo post et successor ejus, totius tunc Provinciae unicum decus*

Além dos que se tornaram bispos, pode-se ainda mencionar Pedro, cônego de Aix, sobrinho do arcebispo Pedro Palliol (1030-1048)<sup>17</sup>; Ugo, cônego de Nice (1078), filho de Pedro, bispo de Sisteron (1030-1042), da família de Nice-Orange<sup>18</sup>; Raimundo († 1096), da família dos viscondes de Avinhão, irmão do bispo Rostam (1047-1076), e decano do capítulo de Avinhão, e seus sobrinhos Rostam Guilherme e Raimundo († c. 1110), filhos de Guilherme, cônegos do mesmo capítulo<sup>19</sup>.

Esta tendência «clerical» das grandes famílias perde seu vigor durante a segunda metade do século XI. Doravante os grandes enviam também seus filhos aos mosteiros.

A dominação das linhagens sobre os bispados e os cargos eclesiásticos começa a ser seriamente criticada pelos gregorianos, ao mesmo tempo em que os mosteiros ganham um lugar preponderante entre os reformadores. Com efeito, as congregações religiosas são um veículo fundamental de propagação da reforma. A *libertas romana* ou simplesmente a proteção de Roma, concedidas às comunidades religiosas contribuem para a ampliação da autoridade pontifical cuja primazia é fortalecida pela submissão à Igreja Romana das comunidades que recebem estes privilégios<sup>20</sup>. O papado gregoriano, seguido pelos papas do século XII, utiliza os monges e os cônegos regulares como seus agentes e legados. É desta forma que Bernardo e Ricardo, abades de São Vítor de Marselha, ocupam um lugar importante na cúria romana<sup>21</sup>. A reforma provoca mudanças no recrutamento dos bispos provençais que passam a ser buscados nos claustros dos mosteiros ou dos colégios regulares, e são oriundos de famílias mais modestas ou vindos de outras regiões<sup>22</sup>.

Em tal contexto, passar por uma abadia pode ser considerado como um fator favorável para os candidatos à um bispado. Assim, Pedro Godofredo († 1103), filho do visconde Godofredo de Marselha, se faz monge de São Vítor três anos antes de obter, em 1082, a arquidiocese de Aix<sup>23</sup>.

*Randibaldus sub eodem patre sanctae se regulae submiserunt... (Vita Sancti Isarni abbatis S. Victoris massiliensis (BHL 4477), Acta Sanctorum, sept., t. VI, vol. 46, 1867, p. 741 B). Ao contrário de P. AMARGIER [«Raimbaud, moine de Saint-Victor, archevêque d'Arles (1030-1070) et sa famille, de Reillanne», Publications du Centre Européen d'Etudes Burgondo-Médianes, Genève, 11, 1969, p. 38-40], eu não creio que Raimbaldo foi nutritus do mosteiro marselhês.*

<sup>16</sup>CISV 95 (1095) : *Pontius, Glandensis episcopus... reliquit seculum [re]conversus factus est monachus in monasterio S. Victoris...*

Mas na sua família, seu tio Rostam era clérigo (1009-1043, clérigo em 1021/48 - CSV 763), e Ugo, filho de Guilherme Rostam, era cônego de Nice (v. 1109 - CAIS DE PIERLAS, E., *Cartulaire de l'ancienne cathédrale de Nice*, Torino, 1888, n° 23).

<sup>17</sup>LDP p. 27.

<sup>18</sup>CSP 13.

<sup>19</sup>MANTEYER, G. de, *La Provence du premier au XII<sup>e</sup> siècle, op. cit.*, p. 337 e ss. Berengário, filho do visconde Rostam Berengário e sobrinho do bispo de Avinhão Rostam, torna-se bispo de Frejus cerca de 1091, assim como seus sobrinhos-netos, Guilherme da Ponte (em 1202) e Raimundo Berengário (em 1235, depois de ter sido preposto em 1223). Pedro Berengário, irmão do bispo Berengário foi cônego da colegial de São Rufo de Avinhão (†c. 1153) [*Ibid.* p. 402 e ss.].

<sup>20</sup>SZABO-BECHSTEIN, B., *Libertas ecclesiae. Ein Schlüsselbegriff des Investiturstreits und seine Vorgeschichte 4.-11. Jahrhundert*, Roma, 1986 (*Studi Gregoriani* t. XII); ROBINSON, I.-S., *The Papacy, 1073-1198: continuity and innovation*, Cambridge, New York, Melbourne, 1990.

<sup>21</sup>SCHMID, P., «Die Entstehung des Marseille Kirchenstaats», *Archiv für Urkundenforschung*, t. 10, 1928, p. 185-186, 190-191; AMARGIER, P., *Un âge d'or du monachisme. Saint-Victor de Marseille, (990-1090)*, Marseille, 1991, p. 110-113, 126-132.

<sup>22</sup>POLY, J.-P., *La Provence et la société féodale, op. cit.*, p. 269-271.

<sup>23</sup>CSV 449 e 221.

Mas seu estratagema não garante sua posição durante muito tempo pois, provavelmente impellido pelos gregorianos, ele renuncia às suas funções (1086?) e vai acabar seus dias no mosteiro marselhês<sup>24</sup>.

Apesar destas transformações, pertencer a um capítulo catedral —reformado e regular a partir de então— continua sendo um importante meio de acesso a um cargo episcopal. No século XII, certas famílias, como os viscondes de Marselha e de Avinhão, continuam colocando seus filhos nos capítulos. É desta forma que Gui de Fos, antes de se tornar bispo (1186-1212), fora preposto de Aix (1175) e que Pedro de Sabran, fora arqui-diácono de Sisteron (1138) antes de ser bispo (1145-1171)<sup>25</sup>.

A entrada de filhos de famílias aristocráticas nos mosteiros, na segunda metade do século XI, além de fins políticos, parece ter servido também para equilibrar o número de herdeiros masculinos em famílias prolíficas. Na família dos viscondes de Marselha, na geração do arcebispo Pedro, três rapazes entre dezessete tornaram-se monges quando adultos. Um outro, Aicardo, foi arcebispo de Arles (1078-1090), sem que se saiba se ele esteve antes em um mosteiro ou em um capítulo catedral<sup>26</sup>. Além dos filhos destinados à vida religiosa, a família começa a limitar o número de casamentos. Sete filhos permanecem solteiros, dos quais dois partem na Primeira Cruzada. Seis se casam, dos quais cinco com posteridade. Na geração seguinte, apesar destas restrições, existem ainda quinze herdeiros homens, dos quais dois são colocados no capítulo catedral de Marselha. As conversões dos filhos dos Châteaurenard-Châteauvert seguem a mesma lógica: quatro entre dezesseis rapazes tornam-se monges da abadia de Lerins no final do século XI, e, aparentemente só dois se casam<sup>27</sup>.

Outras famílias da alta aristocracia, no mesmo período, também colocam seus filhos nos mosteiros, principalmente na abadia de Lerins. Aí se encontram os monges Guilherme, Pedro Crespo e o neto de Sinhério, os três da família de Grasse, Adalberto de Castellane, Guilherme-Alberto, Estevão e Beltrão de Châteaurenard, Rainoardo de Châteauvert, Beltrão de Agoult, Pôncio de Moustiers, o neto de Guilherme de Fos-Hyères e Amauri de Lambesc<sup>28</sup>. Por outro lado, com exceção dos filhos dos viscondes de Marselha, só Alberto de Pontevès se encontra em São Vítor<sup>29</sup>, mas esta desafeição da aristocracia provençal pelo mosteiro marselhês, que se faz sentir também na diminuição das doações feitas aos vitorinos, é compensada por conversões em famílias do

---

<sup>24</sup>CSV 918.

<sup>25</sup>GCN, Aix, c. 62 e ss., e instr., c. 33.

<sup>26</sup>Trata-se do arcebispo de Aix, Pedro, de seu irmão Fulco [CSV 449] e de seu primo Aicardo, filho do visconde Guilherme III [CSV 589 - 1069]. O arcebispo de Arles, Aicardo, era, como Pedro e Fulco, filho do visconde Godofredo. Na geração seguinte os viscondes colocam novamente seus filhos no capítulo catedral de Marselha: Raimundo, filho de Ugo Godofredo, é cônego e seu primo Aicardo (1119-1167), filho de Pôncio de Peynier, é preposto [Paris, Biblioteca Nacional, ms. lat. 12702 f° 139 (obituário da igreja de Marselha: *augusti III nonas obiit Raimundus filius Dulcianaе confrater noster*), GERIN-RICARD, H., ISNARD, E., *Actes concernant les vicomtes de Marseille et leurs descendants*, Monaco, Paris, 1926, n° 247 (1158), 252 (1162)].

<sup>27</sup>MAGNANI SOARES CHRISTEN, E., *Monastères et aristocratie en Provence*, op. cit., cap. II e III.

<sup>28</sup>CL 104 (1147), 132 (1125-35), 226 (1093), 76 (1124), 241 (1102), 110 (1144), 238 (1094), 239 (1096), 109 (1109), 278 (1095), 282 (1102-1110), 234 (1110/1120).

<sup>29</sup>CSV 805 (1116), 485 e 923 (1119).

Linguadoque, como a dos viscondes de Millau, à qual pertenciam os irmãos Bernardo e Ricardo, que foram monges e depois abades da abadia marselhesa<sup>30</sup>.

Exceto Adalberto de Castellane que parece ter entrado em Lerins ainda criança, a maioria dos monges oriundos de grandes famílias entram no mosteiro já adultos. Desta forma Aicardo de Marselha aparece nos documentos em 1041, mas só em 1069 ele se torna monge; seu primo Fulco é conhecido desde 1056, mas ele entra em São Vítor em 1079<sup>31</sup>. O mesmo acontece com Guilherme-Adalberto de Châteaurenard e com seu primo Beltrão, que são citados respectivamente em 1094 e em 1090, mas só aparecem enquanto monges em 1120 e em 1144<sup>32</sup>, ou ainda com Alberto de Pontevès, mencionado desde 1085, mas monge somente em 1116<sup>33</sup>. É possível que certas famílias para assegurar sua perenidade, antes de os transformar em monges, conservassem um «estoque» de jovens solteiros, suscetíveis de engendrar herdeiros caso o casamento dos outros irmãos se revelasse estéril. Este tipo de estratégia explica também porque a oblação de crianças não é praticada nas grandes famílias.

Mesmo se elas fazem parte de uma estratégia de linhagem, as conversões à vida monástica de jovens adultos refletem sem dúvida as aspirações profundas dos interessados<sup>34</sup>. São estas motivações espirituais que transparecem nas conversões de sujeitos mais velhos.

Nos séculos XI e XII, vários nobres chegando à maturidade ou à velhice, escolhem terminar a vida em santidade, entrando em um mosteiro. Com o acordo dos pais, esposa, filhos ou irmãos, eles oferecem um bem para a comunidade que os acolhe. Em 1023, os irmãos Pôncio e Laugério, «de Mirabel», abandonam o século e tornam-se monges de Cluny<sup>35</sup>. Por volta da mesma época, Guilherme Grueta de Grasse decide viver segundo a regra beneditina em Lerins<sup>36</sup>. Pedro de Volonne em 1060 e Feraldo de Thoard em 1070 convertem-se à vida monástica em São Vítor [CSV 704 e 740]. Em 1181, Beltrão de Baux morre com o hábito monástico em Silvacane e em 1204 Raimundo de Mévouillon entra na abadia de Sénanque<sup>37</sup>. Alguns decidem se tornar monges no momento da morte: *ad succurrendum*. Assim, em 1004, o visconde de Marselha Guilherme I, doente, segue o conselho do preposto de São Vítor e abandona o século<sup>38</sup>. Por volta de 1073,

<sup>30</sup>CISV 50 (1061), 58 (1061-64), 51 (1062), 59 (1061-64).

<sup>31</sup>CSV 552 e 595.

<sup>32</sup>CL 12; DU ROURE p. 218.

<sup>33</sup>DU ROURE, Baron, «Charte inédite du Cartulaire de Barjols (1062)», *Bulletin de la société d'Etudes Scientifiques et archéologiques de Draguignan*, 31, 1916/1917, p. 100. Outros exemplos de conversão de jovens adultos em famílias mais modestas em CPA 100 (1006), CSV 521 (1038 ?), CL 16 (1093), CL 216 (c. 1100).

<sup>34</sup>Sobre este assunto, seria interessante saber se antes de tomar o hábito estes homens haviam sido educados no mosteiro, mas a documentação não fornece nenhuma indicação.

<sup>35</sup>BERNARD, A., BRUEL, A., *Recueil des chartes de l'abbaye de Cluny*, Paris, 1876, n° 2779.

<sup>36</sup>CL 3 et 73 (1022-1033) : ...*Quam ego Guillelmus jussionis vocem adimplere cupiens, relictis omnibus quod seculi sunt, soli Deo ammodo militaturus ac secundum regulam sancti Benedicti jam victurus, apud Lyrinense monasterium sub abbate Garnerio, milicie deponens cingulum ordinem assumo, Deo favente monasticum...*

<sup>37</sup>BARTHELEMY, L., *Inventaire chronologique et analytique des chartes de la maison des Baux*, Marseille, 1882, n° 76; Archives Départementales du Vaucluse, H3 n° 246 et 244.

<sup>38</sup>CSV 71 (1004) : ...*ego Wilelmus, vicecomes Massiliensis, dum jacerem in lectulo meo, in infirmitate quam michi idem Dominus dederat, circumsteterunt me fratres monasterii beati Victoris, Wifredus scilicet, prepositus ipsius monasterii a domno abbate Guarnerio constitutus, ac reliqui fratres, et, sicut mos est servorum Dei, ceperunt mihi suggerere quatenus secularem militiam relinquerem et Deo militarem, multa de sanctis scripturis nunciantes. Ego*



Laugério Rufus de Nice se encontra, ele também, enfermo. O bispo de Nice o leva até Lerins onde ele se torna monge<sup>39</sup>.

Estas conversões tardias, acontecendo às vezes com a aproximação da morte, contêm um sentido profundo. Depois de uma vida passada no século, procura-se a purificação e a certeza da remissão dos pecados a través do sacrifício pessoal, se dando a um mosteiro<sup>40</sup>. A crença na superioridade espiritual do estado monástico é propagada pelos próprios monges que, como os que cercavam o visconde de Marselha, pregam a adoção da regra beneditina como garantia de salvação. Ao mesmo tempo, aqueles que tomam o hábito monástico estão seguros de serem enterrados no cemitério do mosteiro e de beneficiarem dos ofícios litúrgicos que a comunidade reserva a seus membros.

Nesta mesma perspectiva, e à semelhança dos prelados do norte da Itália, a partir da segunda metade do século X, vários bispos saídos da igreja secular abandonam a antiga tradição de serem inumados em suas sé, procurando a oração dos monges e elegendo sepultura nos mosteiros<sup>41</sup>. Alguns vão ainda mais longe, deixam seu cargo e acabam a vida como monges. João III, bispo de Sisteron (c. 960), funda o priorado cluniacense de Ganagobie onde ele deseja ser sepultado. Riculfo, bispo de Frejus (975-999), morre pouco tempo após ter sido escolhido como abade de Montmajour. Frodo, bispo de Sisteron (999-1030) foi enterrado provavelmente na abadia de São Pôncio de Nice<sup>42</sup>. Em 1008, Pôncio I deixa a sé de Marselha para seu sobrinho e vai viver em São Vítor, onde ele morre alguns anos mais tarde<sup>43</sup>. É também em São Vítor que os arcebispos de Arles, Pôncio (1005-1029) e seu sucessor Raimbaldo (1030-1069) tornam-se monges<sup>44</sup>. A conversão deste último, talvez pouco antes de sua eleição como arcebispo e seguindo seu predecessor na sé de Arles, mostra o quanto a passagem por um mosteiro tornara-se importante para os eclesiásticos que iriam se engajar no movimento gregoriano. Nos anos 1060, Raimbaldo, *monachus et archiepiscopus*, ajuda a transformar sua abadia, São Vítor, em um veículo fundamental da reforma monástica nas regiões do noroeste do Mediterrâneo<sup>45</sup>.

Seja para realizar uma vocação pessoal ou para aplicar uma estratégia de linhagem, a entrada de um nobre em um mosteiro é um dos mecanismos que contribue para a consolidação dos elos estabelecidos entre uma comunidade monástica e uma família. A participação de um parente monge nos ofícios litúrgicos de um mosteiro é uma garantia suplementar de salvação para os

---

*autem, sermonibus eorum compuctus, gratia Dei, comam capitis deposui, et secundum regulam sancti Benedicti habitum monachilem suscepi...*

<sup>39</sup>CL 158 : *Ego Laugérius, quondam infirmitate correptus, timore mortis deductus, ab episcopo Raimundo in monasterio Lyrinensi, ubi tunc devovi me esse monachum...*

<sup>40</sup>Cf. o belo preâmbulo do ato de conversão de Gibelino em Lérins, no final do século XI (CL 18 : *...me in sacrificio totum Deo offeram...*).

<sup>41</sup>PICARD, J.-CH., *Le souvenir des évêques. Sépultures, listes épiscopales et culte des évêques en Italie du Nord, des origines au X<sup>e</sup> siècle*, Rome, 1988.

<sup>42</sup>LEP p. 58.

<sup>43</sup>CSV 18 : *...Elegi ad tempus, in monasterio beati martiris Victoris, sub abitu monastice religionis, degere humilitatus, ut in eternum vivere possim exaltatus...*

<sup>44</sup>Vita S. Isarni, *op. cit.*, p. 741 B.

<sup>45</sup>MAGNANI SOARES CHRISTEN, E., *Monastères et aristocratie en Provence, op. cit.*, cap. III.

parentes que permanecem no século. No entanto só a forma de vida dos monges pode trazer a certeza da redenção, assim toda conversão é uma prefiguração da vida no além.

Múltiplas considerações —espirituais, políticas e «linhageiras»— permeiam as práticas adotadas pelas famílias aristocráticas provençais no que concerne a entrada de seus filhos na Igreja. Na medida em que a Reforma Gregoriana, apesar das dificuldades, penetra na região, a aristocracia tende a se adaptar aos novos princípios que passam a reger as relações dos príncipes laicos com o clero. Uma parte importante do poder eclesiástico tendo migrado, a partir dos anos 1060, dos bispados aos mosteiros, a aristocracia abandona a preferência dada até então aos capítulos catedrais — que permitiam obter e conservar o controle dos bispados— e procura integrar seus filhos nas comunidades monásticas que ela própria havia ajudado a fundar nos arredores do ano mil. É do interior dos mosteiros, transformados em instrumento da política pontifical, que as famílias vão procurar preservar suas antigas prerogativas. Mas se a presença da aristocracia nos quadros da hierarquia eclesiástica é um elemento estruturante do poder senhorial, ela não deve comprometer a existência futura das linhagens. Assim as grandes famílias provençais não praticam a oblação de crianças e conservam no celibato um estoque de jovens adultos que só são enviados aos mosteiros uma vez que a perenidade da linhagem pareça assegurada.

Na Borgonha, a aristocracia local adota em certos pontos uma política aparentemente similar a da nobreza provençal. No século XI os bispos borguinhões são originários do clero secular e da alta aristocracia enquanto que os abades são representantes da média e da pequena nobreza<sup>46</sup>. Esta situação tende a confirmar que a alta aristocracia borguinhona visa igualmente o controle das séis episcopais, preterindo os mosteiros. A Reforma Gregoriana traz aqui também sensíveis modificações na origem social dos bispos, que são recrutados doravante nas famílias de castelões e cavaleiros. Uma atração pelos mosteiros, bem mais marcante do que na Provença, evidencia-se na Borgonha a partir da segunda metade do século XI. Entre 1066 et 1088, onze membros da família de Ugo de Semur, abade de Cluny (1049-1109), tornaram-se monges em Cluny ou monjas no mosteiro feminino de Marcigny<sup>47</sup>. Um dos sobrinhos de Ugo, Reinaldo, após ter sido abade do mosteiro clunisiano de Vézelay, assume o importante arcebispado de Lyon. No início do século XII, certas famílias cometem um verdadeiro «suicídio dinástico» se convertendo em massa à vida monástica: Bernardo de Clairvaux entra em 1113 no mosteiro de Cister acompanhado de cinco irmãos e de uma irmã. Um único irmão permanece no século para perpetuar a família<sup>48</sup>. Adotando uma estratégia de conversões que se preocupa em garantir em primeiro lugar a reprodução da linhagem, nenhuma família provençal se entregou a um tal excesso.

---

<sup>46</sup>BOUCHARD, C. B., *Sword, Miter and Cloister. Nobility and the Church in Burgundy, 980-1198*, Ithaca-London, 1987, p. 65-86.

<sup>47</sup>WOLLASCH, J., «Parenté noble et monachisme réformateur. Observations sur les “conversions” à la vie monastique aux onzième et douzième siècles», *Revue Historique*, n° 535, 1980, p. 3-24; KOHNLE, A., *Abt Hugo von Cluny 1049-1109*, Sigmaringen, 1993.

<sup>48</sup>*Vita prima Sancti Bernardi*, PL, 185, c. 235-236. Cf. outros exemplos em WOLLASCH, J., «Parenté noble et monachisme réformateur», *op. cit.* e BOUCHARD, C. B., *Sword, Miter and Cloister, op. cit.*, p. 61-62.

ELIANA MAGNANI SOARES CHRISTEN  
Centre d'Etudes Médiévales - Auxerre